Ouça 70+ minutos de música no CD da capa

Classic CD

Santa inspiração!

Viva Música!

fevereiro/98 - R$ 10,00

Quark Editora

Hildegard Von Bingen

900

Ouça o novo CD do Anonymous 4

EXCLUSIVO

A espiral do tempo do grupo Anima

Valsas de Strauss

Qual é o melhor CD?

Viva Música!

Nazareth multimídia

Óperas brasileiras • Bach no Carnaval • João Pernambuco

ISSN 1413-8719 Edição nº 00016

9 771413 871907

Viva Música!

Nazareth multimídia

Óperas brasileiras • Bach no Carnaval • João Pernambuco

Edição: HELOISA FISCHER. Arte: MILA WALDECK. Estagiária: GABRIELA BOEING. Prod.: VIRGÍNIA LACOMBE. Av. Rio Branco, 45/1401 – 20090-003 – RJ – (021) 233-5730 e 263-6282 – e-mail: vivamusica@ax.apc.org

TEMA E VARIAÇÕES

A interpretação

O intérprete musical é o intermediário entre o compositor e o ouvinte. A interpretação é um ato de recriação determinado pela liberdade com limites e por uma fidelidade estabelecida pelas características básicas da composição: estilo, andamento, caráter, dinâmica, estrutura, forma, ritmo, conteúdo e espírito de época. Tudo está mais ou menos contido na partitura por meio de um conjunto de idéias, linguagens e indicações musicais reunidas e superpostas na mesma página de uma composição.

Mas o fascinante da arte interpretativa reside no fato de que mesmo os mais completos signos musicais – a partitura mais minuciosa – jamais irão proporcionar tudo o que seria necessário ao intérprete. Cada execução de uma obra repetirá sempre o milagre da recriação: não existem duas interpretações iguais, ainda que de um mesmo artista. Chopin costumava comentar que, a cada execução, sua interpretação era diferente.

Outra questão fundamental é onde começam e onde terminam os limites da liberdade interpretativa. Não há resposta definitiva para tais demarcações: discordâncias pessoais e teóricas nunca permitem o exaurimento dessa polêmica. O tema revela-se sempre controvertido. Enquanto Mahler observou que "o mais importante não está nas notas", o maestro Furtwängler afirmava reger o "que está entre as notas" e Pablo Casals entendia que "o ato da interpretação consiste em não tocar o que está escrito". Importa reconhecer, entretanto, que existem boas e más interpretações.

Astor Piazzolla conceituava a qualidade da interpretação como aquela que permitia a um ouvinte perceber "as diferenças entre uma valsa de Chopin executada por Rubinstein, que é celestial, e a mesma valsa tocada por alguma de nossas tias, que pode ser um inferno". Já na observação do pianista Alfred Brendel, o intérprete é um artista que "possui a tríplice condição de conservador de museu, executor testamentário e parteiro". Ou, como diria o pianista francês Alfred Cortot, é aquele que "tem o poder de recriar uma beleza, não morta, mas adormecida entre as linhas da pauta".

M. Jesuíno

Fotos de divulgação

União de talentos: o violino de Cláudio Cruz e o piano de Caio Pagano em turnê por São Paulo

STACCATO

Duo Pagano-Cruz. Platéias paulistas conhecerão em março o recém-formado duo de câmara Caio Pagano, piano, e Cláudio Cruz, violino. Ex-aluno de Magda Tagliaferro, Helena Costa, Karl Engel e Conrad Hansen, Caio mora nos Estados Unidos, onde é professor da Universidade do Arizona. Como camerista, já dividiu o palco com Pierre Fournier, Janos Starker e Thomas Friedli. Cláudio Cruz é diretor musical da Orquestra de Câmara Villa-Lobos, spalla da sinfônica de São Paulo e primeiro violino do Quarteto Amazônia. O duo faz turnê em março pelo estado de São Paulo.

Lacerda homenageado. Na edição passada, *Staccato* listou os ganhadores do *II Prêmio Carlos Gomes*, organizado pela Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo, mas não mencionou a entrega do *Troféu Guarany* a Osvaldo Lacerda na mesma premiação. A homenagem especial foi um reconhecimento pelo trabalho do compositor paulista no ano em que completou 70 primaveras.

Prêmio APCA. Outra premiação para a estante de Osvaldo Lacerda. A Associação Paulista dos Críticos de Arte concedeu ao compositor o *Grande Prêmio da Crítica*. Os outros laureados na categoria música erudita foram Eudóxia de Barros (recitalista), José Carlos Coccarelli (solista), Fernando Portari (cantor), Roberto Minczuk (revelação) e Gilberto Mendes (conjunto de obra), Quarteto Amazonia em *Villa-Lobos-Quartetos de Cordas N. 7, 8, 9, 10 e 11* (disco), Quarteto de Cordas de São José dos Campos (conjunto instrumental), Roberto Duarte (regente), Mário Záccaro (regente coral). O juri de música erudita da APCA é formado por Carlos Haag, Irineu Franco Perpétuo, José Roberto Prazeres, Juvenal Fernandes e Luís Roberto Trench. A entrega dos prêmios será em abril, no Municipal de São Paulo.

Música no museu. O Centro do Rio de Janeiro ganhou mais uma programação de clássicos: a série *Música no Museu* acontece toda quarta-feira, às 12h30, no Museu Nacional de Belas Artes. Os concertos são patrocinados pela Telebras, têm produção da Carpex e coordenação artística de Nenen Krieger. A série acontece até o mês de junho (podendo ser prorrogada até o final do ano) no Cine-teatro Belas Artes, antiga Sala Sidney Miller, com capacidade para 170 pessoas. Os ingressos custam R$ 1,00.

Ressureição. Melômanos cariocas estão felizes da vida com a volta da rádio Opus 90 FM, única emissora comercial do país integralmente dedicada à música clássica. A Opus ficou no ar entre 1992 e 1994 e voltou graças à parceria do jornal *O Dia* com o Sistema JB de Rádio.

Concurso prorrogado. Encerram-se no dia 30 de abril, quatro meses após o prazo inicalmente previsto, as inscrições para o I Concurso Nacional de Ensaios da Escola de Música Villa-Lobos. O tema é: A Educação Musical Hoje.

OUÇA E FIQUE EM DIA

O programa **Lançamentos VivaMúsica!** traz todas as novidades do mercado nacional de discos clássicos. Sempre aos domingos, 13h, na rádio Cultura FM, de São Paulo (103.1 MHz/OC 6170).

TOME NOTA

Dois coelhos

De uma só cajadada comentam-se os dois: Simon Rattle, a quáse matéria da coluna do mês passado, e os 100 anos de George Gershwin, soprando velinhas neste 1998.

Escrevo ao embalo de um acalanto *Summertime*, mergulhado de cabeça na gravação do *Porgy and Bess* de Rattle para a EMI. Obra-prima operística de Gershwin, que já recebeu um sem número de arranjos de *jazz*.

Rattle fez com os excelentes músicos da City of Birmingham Symphony Orchestra o melhor concerto do ano no Rio de Janeiro – e acreditamos que o sucesso tenha sido o mesmo em São Paulo. Irrepreensível mesmo. O que mais impressionou não foi a sua inspiradíssima *Quinta* de Mahler, mas o que conseguiu extrair dos músicos na *Gran Partita*, que o gênio de Mozart escreveu para 13 instrumentos de sopro, num equilíbrio que é um desafio para os músicos mais virtuosos. Trabalho de ourives, burilado em cada detalhe. Rattle é um regente que alia o carisma inato a uma espantosa musicalidade. Ele continua crescendo: agora assume a Filarmônica de Viena. O tempo e as gravações dirão.

E, fazendo a ligação com Gershwin e *Porgy and Bess*, Rattle parece ser o mais americano dos regentes. Nas páginas mais densas, no *blues* arrepiante que se insinua em várias oportunidades, ele excede.

Desta vez à frente do coro de Glyndebourne e da London Philharmonic. Além de encarnar Gershwin como ninguém, Simon Rattle conta com um elenco excepcional onde se destacam o Porgy impositivo de Willard White, a voluptuosa Bess de Cynthia Haymon e a tocante Clara de Harolyn Blackwell. Sem falar no cinismo perfeito de Damon Evans na pele de Sporting Life. Uma gravação realmente soberba com chancela da EMI Classics, reunindo o melhor de George Gershwin e de Sir Simon Rattle.

Premiações indicam novas estrelas

Olhe bem o firmamento. Na constelação clássica brasileira, brilham dois novos astros: o pianista Sérgio Monteiro, primeiro lugar do *II Prêmio Promon de Piano*, e o violinista David Graton, grande vencedor do *IX Prêmio Eldorado de Música*.

A conquista do Promon foi a quarta vitória do niteroiense Sérgio em 1997. Aos 23 anos, aluno de Myrian Dauelsberg, ele comemorou ainda os primeiros lugares do *Concurso Lorenzo Fernandez* do Conservatório Brasileiro de Música, *Concurso Nacional de Piano Pro-Arte* e a etapa sul-americana do *Concurso Internacional Gina Bachauer*, em Goiânia, onde venceu três categorias. Em junho, ele toca em Salt Lake City (EUA) representando a América Latina no *Gina Bachauer*.

A vitória no *Prêmio Eldorado* foi a sexta da carreira do paulista David Graton, de 22 anos. Aluno de Elisa Fukuda, o violinista integra a Orquestra Experimental de Repertório desde sua fundação em 1992, a Sinfônica da USP desde 1994 e a Camerata Fukuda. Ainda no primeiro semestre de 1998 David lança pela gravadora Eldorado seu primeiro CD com obras de Cláudio Santoro, Villa-Lobos, Prokofiev, Saint-Saëns e Sarasate.

As duas premiações são fundamentais para o impulso da carreira de jovens instrumentistas. O *Promon* oferece ao vencedor prêmio de cinco mil

Divulgação/Daniela Fuentes

Sérgio Monteiro: quatro vitórias em 1997

reais em dinheiro, além de apresentações como solista e recitalista. O *Eldorado* existe desde 1985 e tem em sua galeria de vencedores Roberto Minczuk, Celine Imbert e Carmelo de los Santos. O primeiro colocado recebe dez mil reais em dinheiro e a gravação do CD pela Eldorado. O segundo lugar do *IX Prêmio Eldorado de Música* ficou com o soprano paulista Andréa Ferreira, a terceira colocação com o grupo Okynteto, o quarto prêmio foi para a flautista Cássia Carrascoza e, em quinto, ficou com o trombonista Alex Tartaglia.

Teatro da OSPA sai do papel

O arquiteto Júlio Ramos Collares vai transformar em realidade um sonho que já completa quase cinco décadas. É dele o projeto para a construção das novas instalações da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre nas margens do rio Guaíba.

Em uma área total de 9.921 m², o novo Teatro da OSPA será âncora de um projeto de reurbanização da área portuária da cidade. Serão construídos uma sala de concertos com 1.500 lugares, salas de ensaios, camarins, escola de música, estacionamento e escritórios administrativos. "A concretização do Teatro da OSPA vai inserir a orquestra em uma linha de frente da América Latina, não só do ponto de vista musical, mas estrutural", acredita o maestro-titular Cláudio Ribeiro. O regente frisa que o tratamento acústico será o ponto primordial da obra "desde o primeiro tijolo".

Desde que foi fundada, em 1950, a OSPA busca uma sede própria. Nas primeiras décadas, ensaiava e apresentava-se no Salão de Atos da UFRS. Em 1984, foi alugado o teatro Leopoldina, então já desativado. Após concluir que a reforma do prédio seria mais cara que uma nova construção, o governo gaúcho lançou concurso público para escolha de projeto arquitetônico. O projeto de Júlio Colares utiliza vidro, concreto e metal. O início das obras está previsto para março.

Reprodução

Teatro da OSPA: parte do projeto de revitalização portuária de Porto Alegre

Ópera brasileira nos palcos e em CD

Apreciadores da cena lírica brasileira têm vários motivos de comemoração. Enquanto as óperas completas de Carlos Gomes chegam ao CD pelo selo Master Class, a montagem búlgara da *Fosca*, também de Gomes, promete rodar o Brasil em abril e, em outubro, Belo Horizonte assiste à primeira encenação de *Tiradentes, Ópera Lyrica em 4 Actos*, composta em 1897.

O lançamento das oito óperas de Carlos Gomes e do oratório *Colombo* é fruto dos esforços dos produtores Denis Molitsas e Evandro Pardini, sediados em São Paulo. Eles resgataram gravações históricas ao vivo até então restritas ao acervo de colecionadores particulares e providenciaram a remasterização digital de todo material, que também conta com programação visual padronizada. Cada título tem tiragem de duas mil unidades.

A Noite do Castelo foi gravada no Municipal de Campinas em 1978, *O Guarani* é um registro do Municipal carioca em 1970, *Fosca* traz a montagem de 1973 no Municipal de São Paulo, mesmo palco de *Salvator Rosa* (1977), *Maria Tudor* (1979) e *Colombo* (1964). O registro de *Lo Schiavo* é de 1959 no Municipal do Rio e *Condor*/ *Odaléa*, de 1988 na Sala Cidade de São Paulo *(veja ficha técnica completa em "Lançamentos")*. *Joana de Flandres*, ópera encenada apenas três vezes em sua estréia, há 127 anos, e cuja partitura foi recuperada pelo maestro Luiz Aguiar, será encenada em São Paulo e gravada pelos sócios da Master Class, possivelmente em outubro.

Já o maestro Luiz Fernando Malheiro é diretor-artístico e regente da montagem de *Fosca* pela The Sofia National Opera, que tem previsão de chegar ao público brasileiro em abril. A ópera foi apresentada ano passado na Bulgária, com solistas internacionais, sob a batuta de Malheiro. Na ocasião foi feito um registro em vídeo – que chegou a ser exibido em dezembro pelo canal Bravo Brasil, da TVA – e em disco. O CD triplo deve chegar às lojas em março. A encenação da *Fosca* é um projeto da São Paulo Imagem Data, que conta com o patrocínio do Banco Sudameris. A montagem nacional apresentará o mesmo grupo de músicos búlgaros, mas os solistas serão brasileiros. A turnê, que conta com o apoio da Funarte, passará por Manaus, Belém, João Pessoa, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo.

A ópera *Tiradentes*, composta por Manuel Joaquim de Macedo em parceria com o ex-governador de Minas Gerais Augusto de Lima em 1897, ficou quase noventa anos perdida, foi encontrada em um baú da Escola de Música da UFMG, chegou a ser apresentada uma vez em versão concerto e será finalmente encenada no mês de outubro. O maestro Roberto Duarte regerá a orquestra formada com músicos da Sinfônica e da Filarmônica de Minas Gerais. A montagem é um projeto conjunto da Viking Comunicação e a própria Escola de Música. Telefone para informações é (031) 221-2168.

divulgação

Originais de *Tiradentes*: após mais de 100 anos, encenação pela primeira vez em Belo Horizonte

Agenda 1998

A Hebraica (SP): Eliane Coelho e Gilberto Tinetti, Netherland Chamber Orchestra, I Musici, Gerard Oppitz e Camerata Bariloche. **Sala Cecília Meireles (RJ):** Abertura dia 21 de março, com novo piano Steinway Hamburgo: Nelson Freire e OSB/ Roberto Tibiriçá. ***Série Concert Hall***: Les Arts Florissants/ William Christie, Conjunto de Câmara da Orquestra de Boston, Trio di Milano e Duo Nelson Freire/ Antonio Meneses. **Theatro Municipal (RJ):** *Balé*- Temporada Mozart, Coreógrafos brasileiros e sulamericanos, *La Sylphide*, *Presage*, *Daphnes e Cloé* e Claude Bessy. ***Concertos: Ciclo Beethoven***, José Carlos Cocarelli, Linda Bustani, Celine Imbert e Eduardo Alvarez, regência de Erich Bergel.

III Prêmio VM! mobiliza leitores no país

Um sucesso. Assim já pode ser definida a terceira edição do ***Prêmio VivaMúsica!***, a única premiação nacional indicada por voto direto do público. Todos os leitores de *Classic CD*-**VivaMúsica!** estão convidados a participar (o cupom de votação foi publicado na edição passada) votando nas seguintes categorias: melhor CD de artista nacional, melhor CD de artista estrangeiro, melhor concerto de artista nacional, melhor concerto de artista estrangeiro e fato de 1997.

Exclamito: troféu VM!

As repostas enviadas por correio ou e-mail (vivamusica@ax.apc.org) são recebidas até o dia 18 de fevereiro, quando será feito um sorteio de 250 CDs entre os participantes. O ganhador receberá o super-pacote de discos em casa. O resulado do sorteio e a cobertura completa dos melhores de 1997 na opinião dos leitores será publicado na edição do mês de abril.

O ***Prêmio VivaMúsica!*** foi instituído em 1996 e, desde então, acontece anualmente, sempre através de consulta ao leitor.

Walter Carvalho

Salomea Gandelman lança pela Relume Dumará "mapa da mina" da produção pianística brasileira

Uma aula de piano brasileiro

Após mais de uma década de pesquisa, a professora Salomea Gandelman acaba de lançar o livro *36 Compositores Brasileiros* (Edição Relume Dumará/ Funarte, 356 pág.), verdadeiro inventário da produção pianística brasileira. "Comecei o levantamento deste acervo em 1987, identificando os compositores que tinham obras para piano e localizando estas peças", conta Salomea. "Muitas eram inéditas, outras estavam ainda manuscritas."

O livro é dirigido a alunos de piano, professores, pianistas e compositores e abrange várias tendências estéticas. Todas as obras são precedidas de comentário. "Em cada peça há uma sinopse do ponto de vista da composição e outra, do ponto de vista pianístico", explica a professora. O prefácio é de José Maria Neves.

O título reúne partituras de Agnaldo Ribeiro, Almeida Prado, Augusto Valente, Aylton Escobar, Bruno Kiefer, Cláudio Santoro, Dawid Korenchendler, Edino Krieger, Eduardo Guimarães Álvares, Emilio Terraza, Ernani Aguiar, Ernst Mahle, Ernst Widmer, Gilberto Mendes, Guerra-Peixe, Guilherme Bauer, Heitor Alimonda, Henrique Morozowicz, Jamary Oliveira, Jorge Antunes, José Augusto Mannis, José Penalva, Leonardo Sá, Lindenbergue Cardoso, Luigi Irlandini, Marcos José Mesquita, Marisa Rezende, Marlos Nobre, Murilo Santos, Osvaldo Lacerda, Paulo Lima, Ricardo Tacuchian, Roberto Victorio, Ronaldo Miranda, Sérgio de Vasconcelos Correa e Willy Correa de Oliveira. Não é à toa que o livro foi definido pelo crítico Luiz Paulo Horta como um "mapa da mina".

Salomea Gandelman tem uma longa carreira dedicada ao ensino de música. Diretora dos Seminários de Música Pro-Arte e do Instituto Villa-Lobos, foi decana do Centro de Letras e Artes da Universidade do Rio de Janeiro, além de coordenar o mestrado em música brasileira daquela instituição. Ela coordena o recém-criado doutorado em música da UNI-Rio, voltado para projetos de pesquisa nas áreas de documentação, história, estruturação, linguagem, etnografia e prática.

Reprodução

ACONTECEU

O público carioca teve a oportunidade de conhecer as dezenove canções de Chopin (escritas entre 1829 e 1847) interpretadas em polonês pelo tenor Paulo Barcelos, soprano Maria da Glória Capanema e pianista Talitha Peres em única apresentação na Uni-Rio. • O pianista francês Michel Dalberto inaugurou o piano Steinway da Orquestra Sinfônica Estadual de São Paulo, escolhido em Hamburgo por Ricardo Castro e Jean-Louis Steuermann. • Petrópolis fez festa musical na abertura da exposição Teresa Cristina Maria – a imperatriz silenciosa,, com apresentação do *Hymno a S.M. à Imperatriz do Brasil D. Thereza Christina Maria de Bourbon* (1860) de Joaquim Bernardo de Mendonça e concerto da cravista Rosana Lanzelotte. • Música de Órgão e Reflexão no Advento foi o tema de programação na Sociedade Pro Musica Sacra de São Paulo, com o organista Edson Leite.

Jovem talento: *Fernando Riederer, compositor*

O catarinense da gema Fernando Riederer é carioca por puro registro civil. Nascido no Rio de Janeiro, ele era pouco mais que um bebê quando sua família transferiu-se para Florianópolis.

Aos nove anos, começou a estudar música pelo método Suzuki e encantou-se pelo violino. Suas primeiras experiências com composição foram aos 11, quando, escrevendo peças para seu instrumento, descobriu a vocação profissional. Apesar da iluminação precoce, puberdade e adolescência o viram prosseguir com os estudos de violino, sem qualquer orientação formal para composição.

Vestibular chegando, Fernando demorava a se decidir entre música, história, cinema e filosofia. Era 1996, quando participou em Curitiba das oficinas de música do século XX com o padre José Penalva, composição e improvisação com Chico Mello – episódio decisivo para sua opção pela música e conseqüente ingresso no curso de composição e regência da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Aos vinte anos, Riederer cursa o segundo período da faculdade, sob orientação de Harry Crowl *(leia perfil de Harry em "Compositor")*. Ele se divide entre os estudos de violino e piano, leituras sobre estética e história e as composições feitas de madrugada. Das cerca de dez obras prontas, três já foram apresentadas em público: *Três Peças em Semínima=33*, para piano, *Solo de Melodia*, para flauta e *Atmosfera e melodia*, para piano e vibrafone.

Fernando Riederer não tem pressa. Ainda que ciente das limitações do meio musical de Curitiba, finca os pés no sul. Após a graduação, pretende aperfeiçoar-se na Europa.

Divulgação

Fernando: formação em Curitiba

Tim Rescala lança selo infantil

Se a notícia é boa para a garotada, imagine para pais e avós preocupados em estimular o interesse das crianças pela boa música: chega ao mercado Pianíssimo, uma gravadora de discos dirigida por Tim Rescala em parceria com Celso Junto voltada para o público infanto-juvenil. O primeiro título do selo é *A Orquestra dos Sonhos*, ópera do próprio Tim montada no ano passado exclusivamente em palcos cariocas. Estão previstos mais dois lançamentos ainda neste primeiro semestre: as trilhas dos musicais *Pianíssimo* e *Papageno*, também de Tim Rescala.

Elenco de *Orquestra dos Sonhos*: agora em CD

"Começamos com os meus trabalhos por uma questão de praticidade", explica o compositor, pianista e agora produtor fonográfico. "Temos intenção de gravar repertório de compositores eruditos voltado para crianças e, a longo prazo, até mesmo estimular criação de obras especialmente para gravação", conta. Tim frisa que a proposta do Pianíssimo é fazer música de qualidade, com catálogo voltado principalmente, mas não exclusivamente, para música clássica. Cada produção do selo tem custo estimado em dez mil reais.

Tim Rescala está entusiasmado pelo projeto, ainda que ciente da principal dificuldade a ser superada: a distribuição dos discos no mercado, principal nó de toda indústria fonográfica. "Temos condições de produzir material musical e artisticamente bom, sabemos que há público interessado em comprar. O problema é disponibilizar os CDs", diz.

A Orquestra dos Sonhos teve tiragem inicial de dois mil exemplares, fabricados pela Microservice, e conta com o apoio de distribuição da Sociedade de Amigos Ouvintes da Rádio MEC, emissora que cedeu seu estúdio sinfônico para ensaios e gravações. O próprio selo Pianíssimo também faz vendas pelo correio. Maiores detalhes pelo telefone (021) 285-5444 ou pelo seguinte endereço: Drum Estúdio, Rua Alice, 106 – Rio de Janeiro – CEP 22241-020.

Fotos de divulgaçnao

Pianista e compositor, Tim agora tem selo

Ribeirão Preto: 'Theatro Pedro II é referência na região'

"Reinaugurado em 1996, após reforma que reconstituiu minuciosamente seu interior e fachada interna destruídos por incêndio, o Theatro Pedro II volta a se estabelecer como ponto de referência musical para a região do interior de São Paulo. A casa tem capacidade para 1.580 pessoas e conta com modernos recursos técnicos, o que capacita o acolhimento de grandes espetáculos.

A temporada 1997 comprova a tendência do Pedro II na formação de novas platéias. Além de duas *Noites de Gala*, a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto apresentou no teatro dois projetos muito interessantes: *Série Grandes Concertos*, aos sábados à noite, e *Juventude Tem Concerto*, aos domingos pela manhã. O mesmo programa noturno é reapresentado na manhã seguinte, com um diferencial: na sessão matutina, o regente Roberto Minczuk dá verdadeiras aulas de música erudita para jovens e adultos que não conhecem as obras dos grandes mestres. O Juventude já se tornou referência para quem quer saber mais sobre os clássicos. A sinfônica de Ribeirão foi regida também por Rubens Ricciardi e Stanislav Bogunia, da República Tcheca. Tocaram no teatro os solistas Elisa Fukuda, Arthur Moreira Lima, Amaral Vieira e Araceli Chacon.

Recebemos a Orquestra de Sopros Amadora da Alemanha em uma apresentação com entrada franca, encenamos as óperas *La Serva Padrona*, de Pergolesi (com a Cia. Minaz, um coral de ópera da cidade, direção musical de Edmundo Hora e direção cênica de Zédu Neves) e *As Bodas de Fígaro*, de Mozart (com a Orquestra Municipal de Americana e Coral Campinas, direção musical do maestro Parcival Módolo e direção cênica de Zédu Neves). Nossa temporada trouxe ainda a Banda Sinfônica e o Coral Sinfônico do Estado de São Paulo em apresentações gratuitas, além de uma apresentação da Osesp.

A maioria destes espetáculos apresentados no Pedro II tiveram produção própria. Produções da fundação estão sempre atreladas a patrocínio: preferimos não depender de resultado de bilheteria para cobrir custos. Contamos com o apoio da prefeitura de Ribeirão Preto, auxiliando a captação de recursos na iniciativa privada ou em empresas do próprio município: oferecer acesso a cultura à população de menor poder aquisitivo faz parte do plano de governo.

Nossa expectativa é que neste 1998 o nome do Theatro Pedro II se fortaleça ainda mais para que possamos realizar eventos de grande porte, a altura desta casa e do povo de Ribeirão Preto e região."

– João Gilberto Sampaio
pres. da Fundação D. Pedro II

Que tal aproveitar os quatro dias de Carnaval para ouvir Bach? André Vital propõe um roteiro em CD

Folias bachianas

Reprodução

Uma vez que, tal como os impostos, o Carnaval é inevitável, por que não aproveitar o período para uma meditação musical com as maiores obras da música? Poucos são os povos que têm a oportunidade de gozar quatro dias seguidos. O brasileiro pode desfrutar calma e oportunidade para mergulhar em uma verdadeira "folia espiritual", iniciando ou aprofundando contato mais íntimo com quatro das maiores obras da história da música. Afinal, os tamborins passam e Johann Sebastian Bach fica.

Antes do roteiro alternativo musical para os dias de folia, duas indicações para leitura pré-carnavalesca: *Johann Sebastian Bach* (de Karl Geiringer, Jorge Zahar Editor), *J.S.Bach* de Alberto Basso, Ed. Fayard).

SÁBADO

Para enfrentar a tentação do sábado, a serena solenidade da *Paixão Segundo São João*. Por muito tempo encarada como uma obra que marchava à sombra da sua irmã "maior" (*Paixão Segundo São Mateus*), hoje chega a ser considerada como superior em alguns aspectos. Seus coros, que retratam as multidões no evangelho, chamados coros de turba, são de escrita mais rigorosa e, ao mesmo tempo, mais interiorizados e dramáticos, enquanto que as árias mais famosas como a sublime *Es ist vollbracht/ Está consumado*, onde o contratenor reflete sobre a hora final do sacrifício de Cristo com um solo *obligato* de viola da gamba, atingem uma espiritualidade incomparável.

Gravação recomendada: Solistas, coro e orquestra La Petite Bande. Reg. Sigiswald Kuijken. Deutsche Harmonia Mundi (77041-2 RG).

DOMINGO

O desafio supremo das escolas de samba exige uma obra que nos deixe completamente imersos no universo bachiano pelo maior período de tempo. A obra indicada é a *Paixão Segundo São Mateus*, considerada pelos românticos como sua precursora.

Momentos que representam esse proto-romantismo são os recitativos cantados por Jesus; principalmente nas passagens do Monte das Oliveiras, os coros de turba quando o povo escolhe Barrabás e sobretudo a belíssima, transcendental *Erbarme dich, mein Gott, um meinem zähren Willen/ Tende piedade, oh Deus, das minhas lágrimas*. A ária, quando interpretada por um contratenor como Rene Jacobs e um grupo de músicos como a Petite Bande, dirigidos por Gustav Leonhardt, atinge o cerne da obra, muito mais que qualquer interpretação romantizada de 40 anos atrás. Os coros que introduzem e terminam a primeira parte, bem como o coro final *Wir setzen uns mit Tränen nieder/ Nos sentamos em lágrimas*, dão o selo final a esta obra de transcedental beleza o título de quinto evangelista a Johann Sebastian Bach.

Gravação recomendada: Solistas, coro da sociedade Bach da Holanda. La Petit Bande. Direção Gustav Leonhardt. Deutsche Harmonia Mundi (7848-2 RC).

SEGUNDA-FEIRA

Novamente as escolas de samba ... Haveria alguma obra que pudesse fazer frente a mais esta maratona? Sim. *A Missa em Si menor*, considerada por alguns a maior obra da história da música; ainda que de duração menor que as *Paixões*, absorverá o ouvinte para um novo significado da palavra música. A maior ciência dos sons convive com uma beleza inefável simplesmente irresistível. O *Kyrie* inicial (numa majestosa fuga a cinco vozes), a *Passacalha* do *Crucifixus*, o *Et expecto ressurectionem mortuorum*, bem como as árias *Benedictus* e, principalmente, a *Agnus Dei*, deixam uma impressão final de que nada mais na história da música tem importância. Muito mais do que uma aventura, uma janela para outro universo.

Gravação recomendada: Solistas Amsterdam Baroque Orchestra and Choir, Ton Koopmann. Erato (4509 98478-2).

TERÇA-FEIRA

O auge da folia precisa de um equivalente sacro. Não há obra mais jubilosa do que o *Oratório de Natal*, um conjunto de seis cantatas que celebram as várias datas que vêm antes, durante e depois do Natal. Na mesma estrutura das *Paixões* (narrativa do evangelho por um tenor, corais, recitativos e árias), esta peça tem um caráter mais leve, sem o modo dramático de suas companheiras, mantendo, no entanto, o nível artístico, no qual se destacam o coro introdutório, a ária *Schlafe, Mein Liebster/ Dorme, meu mais amado* e o coro *Herrscher Des Himmels/ Regente dos céus*.

Gravação recomendada: Solistas, Concentus Musicus Wien, Coro dos meninos de Viena, Chorus Vienensis. Direção Nikolaus Harnoncourt. Teldec (9031 74893-2).

Sua Majestade Ernesto Nazareth

Ernesto Nazareth nasceu no Rio de Janeiro no dia 20 de março de 1863 e faleceu na mesma cidade, provavelmente na madrugada de 3 para 4 de fevereiro de 1934. Aos 70 anos, internado em um hospício (a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá), Nazareth havia de lá fugido em 1º de fevereiro. Após alguns dias de busca, foi encontrado morto junto a um riacho, com um ferimento na cabeça. Não se sabe se a morte foi provocada ao cair e bater com a cabeça ou se Nazareth se atirou nas águas, tentando suicídio. Dizem que ele ficara louco, talvez pelo desespero da surdez.

Sua primeira obra foi a polca-lundu *Você Bem Sabe*; seu primeiro tango, o célebre *Brejeiro*; a última obra, o tango inédito *Pinguim* (no meu LP *Gotas de Ouro* estabeleço uma linha cronológica, abrindo o disco com *Você Bem Sabe* e encerrando-o justamente com *Pinguim*). Ele tocava em bailes, mas preferia os serões familiares. Nazareth compunha com características bem marcantes. Sua música era anti-vocal, anti-coreográfica, de um caráter instrumental-pianístico, com nítida influência de Chopin (especialmente nas valsas), bastante vizinhança com a *habanera*, apresentando grandes e belas melodias, expressividade psicológica, muita alegria – raramente a tristeza –, a síncopa (muitas vezes "amolecida", como ele dizia, e quase uma tercina), o caráter nacional (sem usar o folclore).

Ele transpôs para o piano o instrumental da época, como flauta, violão, cavaquinho, oficleide, bombardino e percussão. Não é fácil tocar sua música: é necessário captar o que está nas entrelinhas e senti-la brasileiramente.

REI DO TANGO BRASILEIRO

Concerto do Creador do Tango Brasileiro, maestro

Ernesto Nazareth

a realizar-se no salão de Cultura Artistica, em matinée, ás 2,30 da tarde de domingo, 4 de Julho.

Os ingressos estão á venda nas seguintes casas : Genoud, Mascotte, Livro Azul e Bazar Julio.

(c 3868

Reprodução CD-ROM/ LN

Data de 1963 o meu encanto por Ernesto Nazareth. Naquele ano comemorava-se o centenário de nascimento do compositor. O musicólogo Mozart de Araújo avisou-me do lançamento de um concurso promovido pelo Conselho Federal de Cultura para gravação de disco com músicas de Nazareth nas partituras originais e não em arranjos, como até então se usava fazer. Coube a mim procurar uma gravadora que se dispusesse a lançar as obras no original.

Assim, cheguei ao diretor artístico do selo Chantecler, Brás Baccarin, um amante da música brasileira,que deu não só o apoio necessário para a gravação de *Ouro sobre Azul*, meu primeiro LP com obras de Nazareth (na época contei com o apoio de um conselho de mestres que conheceram o compositor e o ouviram tocar: Mozart de Araújo, Guilherme Fontainha, Camargo Guarnieri e Andrade Muricy) como também possibilitou outros projetos fonográficos como o disco *Gotas de Ouro*, além de gravações de Alexandre Levy, Luiz Levy, Eduardo Souto, etc.

Na época do lançamento daquele primeiro título fui muito criticada por colegas, por estar tocar música semi-erudita. Poucos anos mais tarde (e até hoje), fui tendo seguidores. O LP mereceu Disco de Ouro por suas vendas e, naquele mesmo ano de 1963, ganhava o *Prêmio Estácio de Sá*. Na entrega da premiação, toquei Nazareth no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, ao lado de celebridades da música popular brasileira. E o concurso de disco? Acabou não acontecendo, por justificativa comum no Brasil: falta de verba. Mas o ressurgimento do chorinho já estava iniciado.

Para um estudo aprofundado sobre a obra do compositor, aconselho a leitura da separata *Ernesto Nazareth* da *Revista Brasileira de Cultura* (número 12, abril/junho 1972), de Mozart de Araújo, e os comentários de Osvaldo Lacerda no CD *Este Brasil que tanto Amo* que gravei pela COMEP.

Eudóxia de Barros, pianista

Reprodução CD-ROM/ LN

Rei do Tango, Rei do Choro, Rei da Música Brasileira. Lançamento de CD-ROM sobre Ernesto Nazareth coincide com disco e motiva a pianista Eudóxia de Barros, uma das principais especialistas do país, a relatar suas impressões pessoais sobre o compositor.

CD-ROM

"Digno de aplausos"

Os números que envolvem a produção do CD-ROM *Ernesto Nazareth, Rei do Choro* impressionam tanto melômanos como micreiros: os 645 megabytes de informação incluem 300 imagens de alta definição mostrando o Rio Antigo e personalidades de época, 350 notas biográficas, 22 gravações musicais (sendo dez interpretadas pelo duo Maria Teresa Madeira/ Pedro Amorim, parte do CD *Sempre Nazareth – leia crítica ao lado*), discografia, bibliografia, cronologia e glossário, perfazendo um total de oito horas de navegação.

O produtor Luiz Nogueira valeu-se de textos originais do biógrafo Luiz Antônio de Almeida, do folclorista e pianista Aloysio de Alencar Pinto e do musicólogo e escritor Vasco Mariz. O título multimídia é o segundo da série *CD'Arte*, que ano passado lançou *Vida & Obra de Heitor Villa-Lobos* e tem um objetivo ousado: usar a tecnologia digital para resgatar a memória musical brasileira, ou pelo menos parte dela.

Levantamento de fôlego que consumiu quase oito meses de produção da LN Comunicação & Informática e inclui ainda depoimento em vídeo de Francisco Mignone (onde o compositor narra um curioso encontro com Nazareth), cenas da coreografia *Nazareth* do grupo Corpo e um desenho animado da década de 30 que traz *Brejeiro* arranjado por Mignone.

O CD-ROM conta detalhadamente a conturbada história de vida de Ernesto Nazareth, desde as primeiras lições de piano com a mãe até as crises de loucura e a morte ao tentar fugir da Colônia Juliano Moreira. Ao intercalar textos, locução e execução de obras, o título ganha bom ritmo, compensando a escolha da tipografia escolhida, que por vezes compromete a clareza de leitura na tela do computador. O título custa R$ 49,00 e está disponível em livrarias e lojas de disco, além de poder ser adquirido diretamente com a produtora pelo telefone 0800-254800 ou e-mail ln@ln.com.br.

A escassez de lançamentos nacionais de música clássica em CD-ROM já justifica aplausos para a iniciativa de Luiz Nogueira. Some-se uma pesquisa cuidadosa, o significativo volume de imagens (e seu tratamento de recuperação digital) e o pioneirismo na difusão de música brasileira valendo-se de nova tecnologia. O instrumental necessário para a apreciação de CD-ROMs (computador com kit multimídia) ainda é o maior obstáculo para a difusão do belo trabalho da LN.

– Heloisa Fischer

CD

"Grande Nazareth"

Uma grata surpresa é o CD da Kuarup Discos, *Sempre Nazareth*, que reúne a dupla Maria Teresa Madeira/ Pedro Amorim (piano e bandolim) em inusitados (e deliciosos) arranjos dos tangos brasileiros e valsas langorosas do grande "pianeiro" e compositor carioca da virada do século XIX: Ernesto Nazareth.

Logo na primeira faixa – *Brejeiro* e *Apanhei-te, Cavaquinho* – já se estabelece o clima sonoro que predomina em todo o CD, uma mistura de leveza e delicada espontaneidade, que convivem, contudo, com incisiva pontuação rítmica e, quando necessário, com momentos de brilho e virtuosismo.

Maria Teresa e Pedro – cariocas de 36 e 39 anos – estão perfeitamente à vontade nos arranjos que eles próprios criaram, revivendo o universo nazarethiano com uma alegria e um refinamento que transformam a audição do CD num renovado prazer. As peças burlescas alternam-se com a atmosfera apaixonada das valsas, dais quais se destaca a belíssima *Confidências*, em que os solos de Maria Teresa oferecem versões definitivas dessas conhecidas obras. As interpretações da jovem pianista incluem-se entre o que de melhor já se ofereceu no mercado fonográfico, em matéria de Nazareth. De Eudóxia de Barros a Arthur Moreira Lima, ela se ombreia - e às vezes mesmo ultrapassa - as grandes execuções de referência do autor.

– Ronaldo Miranda

Fotos de divulgação

Antonella Pareschi toca na Sinfônica do Municipal e com o grupo de rock Titãs

Celine Imbert (alto) canta os dois estilos e cordas da Pro-Música (dir.) foram escolhidas por Gal Costa

Um pé lá, outro cá

Sem preconceito, músicos clássicos transitam pelo popular

USe, após anos de participação de músicos clássicos na cena popular, parte do público de concertos ainda prefere vê-los tocando exclusivamente em *halls* sinfônicos, o mesmo não acontece entre a própria classe. A maioria dos músicos encara a questão com praticidade. "Se houvesse mais concertos e a remuneração nas orquestras fosse melhor, provavelmente eu não faria música popular", conta o violinista Michel Bessler. "Não tenho nada contra, mas preferiria me dedicar exclusivamente a repertório de câmara e sinfônico", explica o *spalla* da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Para muitos profissionais é tudo uma questão de oferta e demanda. "O mercado é difícil e os músicos têm que trabalhar", defende Antonella Pareschi. "Pode-se perfeitamente tocar nas duas frentes, priorizando sempre o valor artístico do trabalho", fala, com conhecimento de causa. A violinista divide sua rotina de trabalho entre a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o trio de câmara Parpinelli e as apresentações com o grupo paulista de rock Titãs, cujo disco acústico traz as cordas de Antonella. "Por que estabelecer fronteiras?", completa o violoncelista Jacques Morelenbaum, que faz arranjos e toca para as principais estrelas da MPB. "O que importa é a qualidade da música, e não se ela é popular ou erudita", diz o filho mais velho do maestro Henrique.

Repertório com pitadas *cross-over* (termo inglês que refere-se à ponte entre popular e erudito) normalmente atrai platéias que não costumam freqüentar salas de concerto. O maestro Diogo Pacheco sabe disso há muito tempo. "Tive formação em música clássica e popular. Gosto tanto de Pixinguinha, Orlando Silva e João Gilberto, como de Beethoven, Mozart e Fischer-Dieskau. Depende do que quero ouvir na hora." Em 1964, Pacheco regeu as *Bachianas* interpretadas por Elizete Cardoso. "Muita gente foi ao teatro para ouvir a Elizete e saiu conhecendo Villa-Lobos", relembra o regente. "No começo da década de 70, convidei diretores de teatro e de cinema para encenar ópera em São Paulo." Nada mais natural que, ano passado, a Orquestra Solo Brasileiro – dirigida por Pacheco – fizesse turnê nacional com um repertório Pixiguinha, Vivaldi, Bach, Villa-Lobos e Tom Jobim.

Uma das principais cantoras líricas do país, Celine Imbert também é adepta da mistura de repertórios. "A música erudita tem muito a ver com a música popular brasileira", diz, acrescentando que o público prefere ouvir canções populares interpretadas de maneira não "eruditizada". O soprano Carol McDavit também tem boas experiências no gênero. "Já meselei clássico com popular em meus recitais e não tive nenhum tipo de reação negativa", reitera. "O público adora quando canto Lamartine Babo, Chiquinha Gonzaga e canções de Santoro com letras de Vinicius de Moraes", diz.

O repertório popular brasileiro é tradicional fonte de inspiração para compositores – caso de Heitor Villa-Lobos, Francisco Mignone, Lorenzo Fernandez, Vieira Brandão, Cláudio Santoro e Radamés Gnattali, entre tantos outros. O resultado deste cruzamento musical atravessou o Atlântico, contagiou ouvidos e mente do violoncelista inglês David Chew, e determinou sua transferência para o Brasil. "Foi estimulante descobrir que grandes músicos fazem ou gostam de música popular. Minha intenção é tocar Bach, Villa-Lobos e Pixinguinha para o público", conta David, que hoje toca na Sinfônica Brasileira e faz parte do Duo Folia, mas já tocou com o Quarteto em Cy, a própria Elizete Cardoso e até com o grupo de rock Genesis.

Quem ainda tem preconceito com a dobradinha clássico-popular precisa ouvir o maestro Armando Prazeres, da Petrobras Pro-Música. Ironicamente, foi necessário um trabalho cross-over para mostrar a qualidade das cordas da orquestra. "O convite de Gal Costa para participarmos da gravação e turnê de seu CD acústico foi a prova que temos as melhores cordas do Brasil", conta o regente. "Pena que o reconhecimento não veio da música erudita", lamenta Prazeres.

Paulo Reis

Encontro à distância

Em linguagem clara, livro estabelece relações entre Bartók e Mário de Andrade

Reprodução

ELIZABETH TRAVASSOS. *Os Mandarins Milagrosos – Arte e Etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Funarte/ Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1997, 220 pág., 8 ilustrações + índice remissivo e cronologias

Um bom assunto nasce de uma intuição, fruto de muito trabalho. Fazer um paralelo entre concepções que nortearam a atuação de Mário de Andrade e de Béla Bartók é um tema sedutor desenvolvido pela autora com fluência, em linguagem clara, sem os rebuscamentos encontrados em tantas obras imersas em *argots* tecnicistas e complicadores. Em seis capítulos são discutidas questões como "sentimentalismo romântico e sensibilidade moderna", virtuosismo (onde a rejeição de Bartók à música cigana é posta em paralelo com as críticas de Mário à "música de pancadaria"), as noções de povo e cultura ("o povo cria?"), a "mobilidade das tradições". A preocupação maior da autora parece ser a de expor idéias do músico e do ensaísta, o que é de extrema utilidade; a crítica a essas idéias, que transparece por momentos, demandaria, por si só, um outro livro. Como em toda obra fecunda, o livro justifica-se e é necessário tanto pelo que traz como pelas indagações que suscita.

A pretensão de lançar os fundamentos de músicas nacionais é comum aos autores estudados, mas as situações são muito diferentes: enquanto o Brasil é geograficamente uno, as fronteiras da Hungria diminuíram consideravelmente depois da primeira guerra mundial. Bartók se movimentava no contexto de uma multi-secular e consolidada tradição magiar, de origens asiáticas; para ele, havia pureza e integridade na música camponesa magiar e na música culta européia, enquanto as aglomerações urbanas polimorfas e cosmopolitas eram celeiros de músicas sem caráter. O compositor chega ao extremo de transmutar o "bom selvagem" em "bom camponês": "O ódio e a perseguição de outros povos só por causa de sua nacionalidade, é uma invenção urbana!" (pág. 129). Quanto a Mário, ele se defrontava com um país recente, de caráter ainda indefinido, sem fronteiras nítidas entre o urbano e o rural, onde até um gênero mestiço como a modinha podia e devia ser objeto de estudo sistemático. Curiosamente, Mário parece ter aceito um Catulo como compositor de modinhas, quando o mais provável é que ele tivesse apenas aplicado poemas a melodias pré-existentes (pág. 102; *ver box).*

Bartók foi uma aliança rara de pesquisador e de compositor, cujo melhor representante do Brasil é Guerra-Peixe, compositor-pesquisador que, mais que nenhum outro em nosso país, fundou sua criação musical no estudo sistemático de manifestações folclóricas, após abandonar o devaneio dodecafônico. Nesse sentido Guerra-Peixe, que não conheceu Mário, foi seu mais fiel discípulo e pagou por essa fidelidade o preço de uma obra quantitativamente muito reduzida.

É possível que algumas das diferenças entre Mário e Bartók possam ser creditadas ao fato de o primeiro não ter sido compositor. Sua incapacidade criadora na área da música levou-o a definir princípios de aplicação problemática e a criar uma ampla teia de argumentos que deveria obrigar os compositores a seguir a trilha nacionalista por ele delineada; só assim eles não seriam as "reverendíssimas bestas" ironizadas no *Ensaio*. É interessante observar – como bem assinala Elizabeth Travassos – que a argumentação de Mário resvalava, inclusive, para o domínio de uma espécie de "moral nacionalista" da qual o criador consciente não poderia fugir.

Creio que um equívioco fundamental nos autores estudados prende-se a princípio defendido por Glinka e repetido por Mário segundo o qual "a música nacional é criada pelo povo; o compositor só tem que lhe dar uma feição erudita". Na realidade, as músicas cultas européias não surgiram diretamente da manifestação musical popular e sim de exigências de um pensamento que se queria diferentemente organizado para expressar (ou inventar) outras realidades, tanto em música como em filosofia ou ciência. A autora observa, aliás, que os músicos cultos incorporam facilmente à sua criação formas e gêneros populares, mas não se tem notícia de músicas populares (ou folclóricas, ou ...) compostas como fugas, sonatas etc. (p. 183).

A edição é bem cuidada; a leitura seria mais fácil se o papel fosse branco, e não creme. Merecem destaque as cronologias paralelas de Mário e de Bartók e o índice remissivo; falta, porém, um índice onomástico. Sobretudo, falta a bibliografia; as numerosas referências a fontes encontradas no texto remetem ao vazio.

– Flávio Silva

O caso Catulo

A "transformação" de Catulo em compositor foi obra do jornalista Guimarães Martins, herdeiro do trovador e apelidado de "viúva de Catulo" pelo empenho em defender os direitos que herdara. Ari Vasconcelos comentou com esse escriba que a primeira edição de livro com poemas de Catulo, publicado quando ele vivia, apresentava-o como poeta; já a segunda, publicada pelo herdeiro, declarava que Catulo era o autor dos poemas e das músicas com que eram cantados. Almirante, em *No Tempo de Noel Rosa*, transcreveu carta que recebera de Villa-Lobos a propósito de *Cabocla de Caxangá* e *Luar do Sertão*, onde o compositor afirmava que Catulo era "incapaz de escrever uma célula melódica" e que o autor daquelas músicas era João Pernambuco *(leia mais sobre João Pernambuco em "Memória")*; essa afirmação visava, provavelmente a outras melodias também atribuídas a Catulo. O maior feito de Guimarães Martins foram as denúncias de plágio contra Villa-Lobos (cujo *Choros nº 10* utiliza largamente uma melodia de Anacleto de Medeiros e a poesia com que posteriormente Catulo a revestiu) e contra Mignone (cujo *Catereté* baseia-se em tema de autor indefinido, segundo declaração do próprio compositor).

– F.S.

Compositor: *Harry Crowl*

"Venho buscando uma estética própria, a partir de uma linguagem atonal, derivada do dodecafonismo, nas reinterpretações do continente americano – de compositores como Carl Ruggles – mesclada com a exploração de formas livres, sempre geradas em função de cada obra."

Assim define a si próprio o compositor, musicólogo e professor mineiro radicado em Curitiba Harry Crowl. Ele tem um catálogo de 60 obras – dezessete foram apresentadas em 1997, no Brasil e no exterior. Aos 40 anos, Crowl já teve peças executadas no Chile, Equador, Paraguai, Uruguai, Inglaterra, França, Alemanha, Áustria, Suíça, Suécia, Dinamarca, Holanda e Ilhas Faroe.

Como musicólogo, fez o levantamento de cerca de 20 obras de compositores coloniais brasileiros. Sua façanha mais importante foi a descoberta da *Abertura em ré maior*, do padre João de Deus de Castro Lobo.

Filho de pai norte-americano e mãe mineira, Crowl é doutorando do programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, e tem em sua biografia aulas de composição e orquestração na Juilliard School, em Nova York (1978-80) e peripécias que incluem uma estadia de um ano no Iraque, em 1982, como intérprete nas construções da empreiteira Mendes Jr.

Como professor, foi o responsável pela fundação, em dezembro de 1995, do grupo AmericAntiga, formado por seus alunos da Escola de Música e Belas Artes do Paraná e dedicado à música colonial ibero-americana. Está representado nos CDs *Brasil! New Music! Nº 3 & 4*, do Grupo Horizonte, bem como em *Nocturnal Birds*, da flautista dinamarquesa Helle Christensen, lançado pelo selo Paula, e *Música Brasileira para Sopros e Piano*, da Rio Arte Digital. As parcerias com o regente Sérgio Dias, o Grupo Novo Horizonte, o Ensemble Nord, da Dinamarca, o George Crumb Trio, da Áustria, e o Quarteto Moyzes, da Eslováquia, prometem uma enxurrada de lançamentos fonográficos para 98.

Mas a grande ambição é encenar *Sarapalha*, ópera em um ato baseada em Guimarães Rosa que lhe consumiu um ano e meio de trabalho. Suas principais obras são *Finismundo* (1991), com texto de Haroldo de Campos; a *Sinfonia N.º 1 – Concerto Harmônico* (1991, revisada em 96) e o *Concerto para piano e orquestra* (1997).

Divulgação

Harry: enxurrada de CDs este ano

Crowl não segue paradigmas europeus, mas está muito longe de ser nacionalista; pensa suas obras como um artista plástico, mas não faz música descritiva. A mineira desconfiança com relação aos modelos estabelecidos marca a busca deste compositor por uma linguagem própria.

– Irineu Franco Perpétuo

Livorno
ibirapuera

Pizza ou Churrasco...

...é no Livorno Ibirapuera.

Av. Ibirapuera, 1.777 - Moema - São Paulo-SP
Tel.: (011) 570-6394 - Tel./Fax: (011) 549-9759

LÉLLIS TRATTORIA
Cozinha Italiana

MASSAS,
ASSADOS,
CARNES E
FRUTOS DO MAR

Música Italiana ao vivo

Al. Campinas, 1.615 - Jardim Paulista - São Paulo-SP
Tel.: (011) 885-2698 - Tel./Fax: (011) 885-7461
Estacionamento com Manobrista e Entregas Motorizadas

Decano quase esquecido

Aos 85 anos, AscendinoTheodoro Nogueira ainda aguarda justo reconhecimento

É inconcebível um compositor da importância de Ascendino Theodoro Nogueira, verdadeiro decano dos nacionalistas, estar pouco mais do que praticamente esquecido em nosso país. O acesso a uma ou outra peça para piano ou camerística, além de mui eventual, dá-se através de audições em sociedades que, heróicas, se aventuram a executar a obra dos nossos criadores nacionalistas. Músicos de vanguarda rechaçam esta produção, abominando um possível "fascismo" decorrente do "perigo" que representaria em tese o Brasil descobrir sua própria identidade cultural (processo que já estava em curso até a década de 60 e foi cortado de forma drástica graças à avassaladora influência do *rock*).

Outros diriam, erroneamente, estar o nacionalismo superado. Coloco aqui uma questão: o Brasil já possui consciência histórica, cultural e social auto-centralizada e desconhece o estado de submissão a uma ditadura cultural e econômica exterior? Se a resposta for positiva, serei o primeiro a reiterar aquela tese. Mas ainda que se chegue a tal conjuntura, jamais poderá ser esquecida uma escola de composição que nos legou belezas perenes e que lançou o Brasil à órbita universal na música deste século.

Verdadeiro Guerra-Peixe paulista, Ascendino Theodoro Nogueira nasceu em 1913 em Santa Rita do Passa Quatro, tendo estudado violino e composição em Araraquara e depois aperfeiçoado-se em São Paulo com Camargo Guarnieri e Souza Lima. Como o mestre de Petrópolis, Theodoro aprofundou-se sistematicamente na problemática do nacionalismo através de uma pesquisa que passa pelos meios de expressão instrumental, chegando a radicalismos que nos remetem a Léos Janacek da sua "música da fala" que possui aspectos inovadores dentro da escola nacionalista, ligando-a à música concreta.

Ascendino hoje tem 85 anos e, ao longo de uma extensa carreira, sempre buscou imprimir à sua obra o caráter da inovação. Foi o primeiro a incorporar a nossa viola caipira – através de modificações orgânicas no instrumento - à categoria de instrumento de concerto, seja através de seu *Concertino para viola brasileira e orquestra de câmera*, sejam por suas transcrições de prelúdios de Bach para a viola caipira, que ampliou em extensão e profundidade sonora. De certa forma, foi antecipado por Elias Álvares Lobo, que em 1860 fez estrear dentro da ópera *A Noite de São João* pela primeira vez uma orquestra de violões. Das um tanto incipientes tentativas do compositor de Itu ao mestre de Santa Rita do Passa Quatro temos toda uma trajetória que culminou na elevação da dignidade de um instrumento-chave para o folclore brasileiro, e nunca será demais enaltecer o papel de Theodoro Nogueira no referido contexto.

Sua produção de vulto ainda aguarda verdadeira descoberta: cinco sinfonias, *Suite Brasileira, Suite Paranaense para coro e orquestra, Missa de N. S. dos Navegantes* (a primeira missa cantada em vernáculo, mostrando novamente o pioneirismo do compositor), *20 Cantos Caipiras para piano*, dois quartetos, dez serestas, *6 Brasilianas*, etc. Segundo Caldeira Filho, sua linguagem nas obras de cunho tradicional é atualizada pela liberdade com a qual combina rigorismos melódicos, harmônicos e fraseológicos. Para Vasco Mariz, a obra possui facilidade inventiva com certa superficialidade.

De minha parte, abstraindo um pouco os pioneirismos do mestre, creio que sua produção permanecerá como uma das mais sérias e profundas tentativas de incorporação do folclore paulista à música culta, com crescente pesquisa de linguagem e utilização de certas técnicas de vanguarda, como a citada "música de fala", filiada ao concretismo. E nos aspectos apresentados, a obra de Theodoro Nogueira cruza-se com a de Guerra-Peixe, sendo que ambos os mestres aguardam justa reavaliação por parte de nossa historiografia musical.

– Luis Roberto Alonso Trench é musicólogo e compositor

Divulgação

leia em VivaMúsica! de março

O destaque da música clássica na mídia brasileira • Soprano Lia Salgado na seção Memória • Como funciona uma orquestra de bebês • O catálogo brasileiro da editora Ricordi • Especial sobre equipamentos de som valvulados • Agenda, lançamentos e notícias da cena nacional.

Divulgação

João Pernambuco está de volta

Violonista Leandro Carvalho lança CD e escreve para VivaMúsica!

Reprodução Acervo MIS

Dois anos de pesquisa acadêmica de Leandro (alto, esq.) resultaram no CD patrocinado pela Sadia, que revive a obra de Pernambuco

Há 50 anos morria João Pernambuco, o Poeta do Violão. O Brasil deve muito a este homem que viu seu nome omitido em composições como *O Luar do Sertão* e *Cabôca de Caxangá*. Mas afinal, quem foi João Pernambuco? Que obras compôs? Qual sua importância para a música brasileira?

João Teixeira Guimarães nasceu em 1883 no estado de Pernambuco, em uma pequena cidade chamada Jatobá. Lá ele passou toda infância. Com doze anos, mudou-se para Recife. Aos vinte, transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro, então capital federal. João viveu em uma época extremamente rica, quando nossa cultura estava se cristalizando e formando as bases para o que viria a ser conhecido posteriormente como música popular brasileira. Ele fez parte desta história e deixou sua marca como poucos.

Quando chegou ao Rio, em 1904, João Pernambuco se deparou com uma cidade em plena ascensão. O prefeito Pereira Passos tratava de urbanizar a cidade transformando-a em verdadeiro canteiro de obras. Foi neste momento que o universo cultural nordestino, representado pelos próprios imigrantes, se confrontou com a vida tipicamente urbana do Rio de Janeiro.

O meio musical carioca se alvoroçou com a chegada de João. Sua presença era quase obrigatória nas chamadas "rodas de choro". Sua maneira diferente de tocar e as composições de características bem distintas abriram caminho para uma nova etapa da música brasileira. Em 1912, conheceu aquele que serviu de trampolim para o início de sua carreira. Catulo da Paixão Cearense, poeta bem relacionado na sociedade carioca, interessou-se imediatamente por Pernambuco. Segundo o próprio Catulo *(leia mais sobre Catulo em "Resenha")*, João Pernambuco impressionava pelo vasto repertório de música da zona rural nordestina e da região canavieira litorânea, mais ligada a Recife. Em 1913, Catulo fez a letra para melodia de *Cabôca de Caxangá* (música de maior sucesso do carnaval do ano seguinte) e, em 1915, para a melodia de *O Luar do Sertão*. Apesar a autoria de Pernambuco ter sido omitida, estas parcerias lhe trouxeram fama.

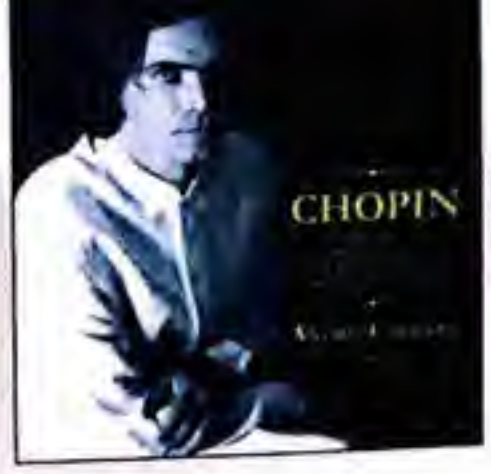
Embalado pelas constantes apresentações com Catulo da Paixão Cearense, João Pernambuco montou sua Troupe Sertaneja. Este grupo buscava mostrar ao público da cidade a cultura do sertão nordestino. Quase simultaneamente, organizou o Grupo Caxangá, um marco na música brasileira, com importância histórica semelhante ao famoso conjunto Os Oito Batutas (originado no próprio Caxangá). O conjunto alcançou grande popularidade na época.

Pixinguinha e Donga, além de terem integrado o Grupo Caxangá e, posteriormente, Os Oito Batutas, também dividiram a autoria de algumas obras com Pernambuco, como aquelas compostas em 1913 na pensão da Rua do Riachuelo. João Pernambuco também teve uma ligação muito forte com Heitor Villa-Lobos, baseada na admiração mútua que os unia. Em seus últimos 13 anos de vida, Pernambuco trabalhou no S.E.M.A., onde Villa-Lobos era diretor. No final da década de 20, João Pernambuco gravou uma série de solos instrumentais que hoje ultrapassam o repertório de violão e constituem um marco da música instrumental brasileira. Além da riqueza das composições, sua maneira de interpretar fez escola.

Desdobramento de dois anos de ampla pesquisa acadêmica sobre vida e obra de João Pernambuco, estamos lançando com apoio da Sadia o CD *João Pernambuco, O Poeta do Violão*. O disco reúne as mais conhecidas composições de Pernambuco e algumas surpresas *(veja ficha técnica em "Lançamentos")*. Os arranjos foram feitos pelo compositor e instrumentista Italo Peron, que buscou aliar o caráter e o sabor da época reafirmando nosso compromisso com a pesquisa aos ouvidos exigentes do público de hoje. Algumas canções foram recuperadas graças às gravações preservadas por colecionadores de discos da capital paulista: através deles praticamente todo registro fonográfico de obras de João Pernambuco pôde ser resgatado. Posteriormente, pretendemos reviver as composições inéditas do compositor.

TIM RESCALA. ***A Orquestra dos Sonhos.*** **Pérez-González/ Louzada/ Zé Rescala/Juliana Franco/ Maria Teresa Madeira/ Monique Aragão/ Oscar Bolão/ Rodolfo Cardoso/ Lulu Pereira/ Omar Cavalheiro/ David Ganc/ Lena Verani/ Aloysio Fagerlande/ Philip Doyle/ Paulo Mendonça/ Ricardo Amado/ Déborah Cheyne e Luciano Vaz/ Tim Rescala. Selo Pianíssimo.**

VÁRIOS. ***Música Brasileira — Vol.II.*** **Inácio de Nonno. Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRJ/ Roberto Duarte. Coral da Escola de Música da UFRJ. RAPHAEL BAPTISTA** ***(A Conquista do Sertão)*****. MIGNONE** ***(Suíte Brasileira, Na Cabana do Pai Zuzê, Modinha, Batuque).*** **CARLOS GOMES. Edição Escola de Música UFRJ/ F. José Bonifácio**



CHOPIN. André Carrara, piano. ***12 Estudos Op.10, Scherzo Op. 20 Nº 1, Noturno Op. Póstumo, Polonaise Op. 40 Nº1.*** **Edição do intérprete.**

O pianista mineiro chega ao disco com o aval do mestre, Nelson Freire. "Sua gravação dos *Estudos Op. 10* se equipara ao que de melhor existe no mercado fonográfico", diz Freire.

LORENZO FERNANDEZ. Quarteto Amazônia (Cláudio Cruz, primeiro-violino, Igor Sarudiansky, segundo-violino, Horácio Schaefer, viola e Alceu Reis, violoncelo). ***Quarteto Nº 1 em Fá sustenido menor*** **e** ***Quarteto Nº 2 em Dó sustenido menor.*** **Edição especial Alcoa.**

CÂMARA
• VÁRIOS. *Chamber Music from the South*. Paquito D'Rivera, clarineta, Pablo Zinger, piano e Gustavo Tavares, cello. CARLOS GUASTAVINO *(Sonata para clarineta e piano)*, PAQUITO D'RIVERA *(Danzón, Lecuonerias* e *Vals Venezolano)*, VILLA-LOBOS *(Fantasia Concertante para piano, clarineta e cello)*, PIAZZOLLA *(Milonga del Ángel* e *Tanguango)*, IGNACIO CERVANTES *(Danzas Cubanas)* e OSVALDO LACERDA *(Valsa-Choro)*. Mix House.

INSTRUMENTOS
• VÁRIOS. *In Memorian – Legendary Recordings 1959-65*. Sviatoslav Richter, piano. BACH/ HAYDN/ CHOPIN/ SCHUBERT/ SCHUMANN/ DEBUSSY/ RACHMANINOV/ PROKOFIE. CD duplo. Deustche Grammophon 457 667-2.

ÓPERA E CANTO
• CARLOS GOMES. *Colombo*. Costanzo Mascini, Lucia Quinto Morcello e Sérgio Albertini. Coro e Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo/ Armando Bellardi. Gravação ao vivo no Municipal de São Paulo em 1964. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *Fosca*. Ida Miccolis, Agnes Ayres, Zaccaria Marques e Costanzo Mascitti. Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo/ Armando Bellardi. Gravação ao vivo no Municipal de São Paulo em 1973. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *Il Guarany*. Assis Pacheco, Dalka Azevedo, Carlo Ditter e Lourival Braga. Coro e orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro/ Santiago Guerra. Gravação ao vivo no Municipal do Rio em 18/09/1970. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *Maria Tudor*. Mabel Veleris, Eduardo Alvarez, Fernando Teixeira e Wilson Carrara. Coro e Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo/ Mário Perusso. Gravação ao vivo no Municipal de São Paulo em 1979. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *A Noite do Castelo*. Niza de Castro Tank, Vera Lúcia Pessagno, José Dainese, Luis Tenaglia e Alcides Costa. Coral da Unicamp e Coral da USP, Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas/ Benito Juarez. Gravação ao vivo no Municipal de Campinas em 1978. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *Odaléa (Condor)*. Renata Lucci, Niza de Castro Tank e Sérgio Albertini. Coro e Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo/ Armando Bellardi. Gravação realizada ao vivo na Sala Cidade de São Paulo em 1988. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *Salvator Rosa*. Benito Maresca, Nina Carini, Ruth Staerke e Paulo Fortes. Coro e Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo/ Simon Blech. Gravação ao vivo no Municipal de São Paulo em 1977. Remasterização digital. Master Class.
• CARLOS GOMES. *Lo Schiavo*. Lourival Braga, Ida Miccolis, Alfredo Colósimo e Luis Nascimento. Coro e Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro/ Santiago Guerra. Gravação realizada ao vivo no Municipal do Rio em 1959. Remasterização digital Master Class.
• VÁRIOS. *Cantos para uma Noite Feliz*, Coro de Câmera e Orquestra Barroco na Bahia. Direção Hans Bönisch. Reúne canções tradicionais de Natal da Alemanha, Suécia, Inglatera, México, Itália, República Tcheca, Áustria, Holanda, França, Dinamarca, Espanha, Portugal, EUA e Brasil *(O Nosso Menino*, de VILLA-LOBOS). Edição especial Boehringer De Angeli Química e Farmacêutica.
• PROKOFIEV. *Symphony No. 5. Romeo & Juliet – Excerpts from Suites N°s.1 e 2*. New York Philharmonic/ Kurt Masur. Teldec. 4509 96301-2.

OUTROS
• VÁRIOS. *MAOGANI – Quarteto de Violões*. Paulo Aragão, Marcos Alves, Carlos Chaves e Sergio Valdeos, violões. Composições de Garoto, Egberto Gismonti, Ian Guest, Marco Pereira, Edu Lobo, Guinga, Mário Adnet, Chico Buarque, Cesar C. Mariano, Baden Powell, Piana e Manzi. Rob Digital RD-CD-010.

Agenda

Termina em março o recesso de verão do circuito brasileiro de concertos, quando volta a maior parte das programações

04/02 – QUARTA-FEIRA

RIO DE JANEIRO
Museu Nacional de Belas Artes, 18h30. *Projeto Música no Museu*. Grátis.

05/02 – QUINTA-FEIRA

RIO DE JANEIRO
Centro Cultural da Light. *Série Percussão*. Grátis.

11/02– QUARTA-FEIRA

RIO DE JANEIRO
Museu Nacional de Belas Artes, 18h30. *Projeto Música no Museu*. Grátis.

12/02 – QUINTA-FEIRA

RIO DE JANEIRO
Centro Cultural da Light. *Série Percussão*. Grátis.

18/02 – QUARTA-FEIRA

RIO DE JANEIRO
Museu Nacional de Belas Artes, 18h30. *Projeto Música no Museu*. Grátis.

19/02 – QUINTA-FEIRA

RIO DE JANEIRO
Centro Cultural da Light. *Série Percussão*. Grátis.

LIGHT. Av. Marechal Floriano, 168. Centro. Tel.: (021) 211-4822.
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Av. Rio Branco, 199. Centro.